

RAUL PROENÇA, UM ARISTOCRATA DA MORALIDADE

Maria Celeste Natário

Comemorar o centenário da *Seara Nova* significa, na nossa perspectiva, homenagear também um dos seus principais mentores: Raul Proença.

Com Jaime Cortesão, Câmara Reis e António Sérgio num primeiro momento, a que outras figuras relevantes se irão juntar depois, iniciam o que foi designado como o “Grupo da Biblioteca”. Referimo-nos, naturalmente, à Biblioteca Nacional de Lisboa, onde, em reuniões informais, iniciam um conjunto de encontros para debater principalmente a situação política e social de Portugal.

Desde a criação, em 1912, da *Renascença Portuguesa* e do reconhecimento de uma especial atenção para as questões sociais e políticas, que fora sendo descurada, impunha-se um movimento que se concentrasse na situação dos rumos que a República estava a tomar. 1921 vai ser uma data marcante, neste processo. Na sequência das reuniões a que nos referimos, surge a *Seara Nova*, resultado da convergência de esforços sobretudo dessas três grandes figuras: Raul Proença, Jaime Cortesão e Câmara Reis, e a que logo se juntará António Sérgio.

O vigor e o ímpeto para a polémica, aliado a uma capacidade crítica e construtiva, vai fazer de Raul Proença uma figura incontornável neste movimento, onde a presença de um racionalismo crítico e voluntarista, acompanhado por uma ética do heroísmo e da liberdade, em parte decorrente da sua postura *realista idealista*, levam-nos a considerá-lo como personagem central do movimento e revista *Seara Nova*, mesmo que esta consideração nem sempre surja convenientemente evidenciada.

A *Seara Nova* não foi, assim, apenas o nome de uma revista, mas sobretudo o órgão de divulgação do ideário de um grupo de intelectuais que pretendiam acima de tudo contribuir decisivamente para uma reforma de mentalidades que, em parte, a Geração de 70 já propusera, cerca de meio século antes.

O primeiro grupo seareiro teve assim como esteio inicial a Biblioteca Nacional,¹ o que facilitava as suas frequentes reuniões, empenhado numa

¹ A Biblioteca Nacional foi também ainda palco e cenário da reunião de outros grupos constituídos por intelectuais e artistas, assim como dirigentes sindicais das mais diversas opiniões políticas. Neste espaço da cultura lisbonense e nacional coexistiam e até certo ponto conviviam, para além dos políticos republicanos seareiros, outros grupos de intelec-

reforma das ideias. Apostando numa intervenção pedagógica, quer no plano cultural quer social, o Grupo tinha sobretudo em vista objectivos políticos, embora suprapartidários, já que a política era por eles encarada como um meio para chegar aos mais elevados horizontes onde a liberdade e dignidade não fossem apenas palavras vãs.

Representando esforço, audácia e coragem, os intelectuais ligados à *Seara Nova* preconizavam, como escreve Proença, erguer-se «acima do miserável circo onde se debatem os interesses inconfessáveis das clientelas e das oligarquias plutocráticas» e criar «uma atmosfera mais pura em que se faça ouvir o protesto das mais altivas consciências, e em que se formulem e imponham, por uma propaganda larga e profunda, as reformas necessárias à vida nacional».²

A situação política, extremamente fragilizada por vicissitudes de natureza diversa, quer de ordem interna quer externa, ameaçava a República e, conseqüentemente, todo o tecido social, económico e cultural do país.

Os ventos que sopravam da Europa do pós-guerra, com inevitáveis rupturas no âmbito cultural em geral, visíveis a nível da filosofia, arte, religião, assim como da política (em que as democracias liberais e os valores iluministas eram alvo de grandes interrogações), tiveram também em Portugal as suas repercussões inevitáveis.

Será de notar, a nível internacional, os nacionalismos exacerbados que surgem nessa década e a revolução de 1917, na Rússia, acontecimentos conjunturais de grande instabilidade e influência nos destinos da Europa e suas opções sociais e políticas.

A mundividência vivida no pós-guerra, um pouco por toda a Europa, leva assim a uma crise de valores de toda a ordem, provocando grande descrença e fragilidade. Tempos sombrios, estes, que em termos filosóficos estiveram na origem, ou acentuaram, importantes movimentos tais como o idealismo, espiritualismo, personalismo, existencialismo, que à data conheceram grande desenvolvimento. Porém, grande parte das doutrinas filosóficas destes «ismos» teve origens bem mais remotas, no mundo grego, onde Raul Proença também se inspirou.

Acentuando mais um ou outro aspecto (ao longo dos séculos XIX e XX), e considerando a explosão cientificista que acabava por reputar todos os

tuais de diversas e até antagónicas tendências. Daí saiu por exemplo a *Lusitânia* e o *Guia de Portugal*, este último constituindo um importantíssimo trabalho dirigido também por Raul Proença, assim como outras edições próprias como os *Anais das Bibliotecas e Arquivos*.

² In *Seara Nova*, n.º 1, 15-10-1921.

problemas susceptíveis de resolução, a partir das disciplinas positivas que os métodos das ciências modelaram, o homem que perde «espaço» no mundo, sobretudo espiritual, procura recuperá-lo. Como diria Leonardo Coimbra, também ele um activista social e político da *Renascença Portuguesa*, «o homem que perde lugar na civilização» começa a sentir necessidade desse espaço perdido. Daí o surgir e ressurgir de filosofias, movimentos de pensamento onde, de uma ou outra forma, «o homem desatendido» (expressão de Leonardo Coimbra) procurasse lugar. Lugar onde coubesse o homem na sua plenitude, ou seja, para usar a expressão de Edgar Morin, onde coubesse o *sapiens/demens*. Mas, ainda que em determinadas épocas, e consoante as maiores preocupações do momento, pudesse surgir uma filosofia «como moda», o homem, consciente de se tratar de um ser para a morte, homem concreto nas suas relações com os outros e buscando um sentido para a vida, esse homem continua aí, sempre em permanente busca, sendo afinal isso o que dá sentido à sua existência, necessariamente «imperfeita», mas aberta à *perfeição* que indefinidamente anseia e procura.

Foi sem dúvida nesta busca constante que a vida e o pensamento de Proença se orientaram, tendo então conhecido na *Seara Nova* talvez um daqueles momentos em que acreditou estar próximo do caminho que poderia levar não certamente à *perfeição*, mas que muito contribuiria, no seu entender, para dela se aproximar, tais os ideais e os sonhos que acalentava quer em termos pessoais quer colectivos, como homem e cidadão. O seu pensamento, de acento ético, personalista, existencial, vitalista, racionalista e *ideo-realista* (expressão sua), de intenso sabor ecléctico, que, desde 1905, ano em que termina a sua formação académica, começa a desenvolver-se, conjugando uma formação humanista em que a ética tem um papel central a uma prática em que a política é vista como o espaço de concretização desse humanismo ético.

Assim, em 1921, vemos surgir um homem de pensamento e acção, talvez numa das fases mais dinâmicas da sua vida em que acreditava concretizar ideais e valores sonhados, sendo a *Seara Nova* o seu mais importante laboratório teórico e prático.

Era de uma «atmosfera pura» de «altivas consciências» que Raul Proença desejava dotar o país para as reformas que pretendia para a vida nacional, sendo prioritária uma reforma espiritual, pois só do espírito poderia brotar a capacidade criadora e a sensibilidade moral, ou seja, uma reforma que teria de ser feita primeiro no interior dos espíritos e só depois no exterior

e que antes de mais caracterizava o seu *idealismo realismo* ou *ideo-realismo* como também lhe chamou.

A *Seara Nova* teve assim, entre outros, o papel de um órgão de «campanha» de moralidade, condição para a possibilidade de ressurgimento de uma sociedade nova, de um homem novo, aquele para quem o bem geral fosse uma dedicação desinteressada, e não a vaidade intolerável acompanhada por corrupção e delinquência resultante da instabilidade política, que a I República reflectia.

Como doutrinário político, Proença cansara-se de todos os apelos anteriormente feitos nos diversos jornais e revistas em que escreveu. Homem de pensamento e de acção, parte agora para uma efectiva e activa luta pedagógica e educativa, sobretudo crente na possibilidade das reformas que considerava indispensáveis à vida nacional.

Considerando não serem os políticos os «únicos culpados» da situação que se vivia em Portugal, atribui «em especial à sua elite»³ a responsabilidade do «desastre colectivo» do país. Dado ser uma nação o reflexo da sua vida intelectual, dos seus movimentos de ideias, das aspirações mais profundas do seu escol, premente se lhe afigurava fazer despertar e formar essa elite, onde os ideais correspondessem à utilização da crítica, da inteligência, capacidade criadora e sensibilidade moral. Estes, considerava-os como vectores fundamentais a serem observados na prática ao serviço do Homem e da Sociedade.

Os homens da *Seara Nova* propuseram-se então, pela voz de Raul Proença, «descer» até «à corrente que transporta os gérmens da sociedade futura» (*ibidem*) para nela intervir com o «seu próprio sangue». Contrariamente às elites do passado, que Proença pensava estarem alheadas do *povo*, da sociedade e do «plano e do movimento em que se tece o futuro» e cujas qualidades morais ficavam muito aquém do que seria desejável, estes homens propunham «o heroísmo» como «a palavra mais adequada para exprimir o peso enorme das suas responsabilidades» (*ibidem*).

A «lufada vital» de vento fresco perpassava nas faces e no espírito dos homens da *Seara Nova*, que, para além da disposição para «a simples acção de crítica e protesto» (*ibidem*) para que as reformas que o País necessitava se fizessem, queriam «fundar as condições da verdadeira democracia, sem as quais a república não passará do regime de baixa mentira e indigna plutocracia» (*ibidem*). Para que tal situação pudesse ser superada, acreditavam

³ Raul Proença, texto de apresentação da *Seara Nova*, sem título, n.º 1, 15-10-1921, pp. 1-3.

ser necessário criar uma consciência nacional que impusesse aos dirigentes (políticos e não políticos) o caminho a seguir, condenando a ideia de «assalto revolucionário em que o poder é tomado por surpresa, sem o esclarecimento prévio do país sobre a intenção dos seus dirigentes» (*ibidem*). Procurando atingir as próprias realidades sem sofismas nem deturpações, dizendo não a um realismo «estreito e materialista» a que Proença chama «um realismo do ‘inferior’, que só vê na melhoria das condições materiais» (*ibidem*) a salvação, esquecendo o espírito, do qual tudo faz depender, escreve: «Esforçar-nos-emos acima de tudo pela elevação do espírito, condição essencial de toda a nobreza da vida humana e das próprias reformas materiais» (*ibidem*).

Nesse sentido, para a *Seara Nova*, e concretamente para Raul Proença, a literatura, a arte e a filosofia «não constituem um requinte dispensável da civilização», nelas acreditando como «necessidades mais insofismáveis e as mais altas realidades da vida da espécie, sem as quais não seria possível conceber a sua existência nem desejar a sua prorrogação» (*ibidem*). Expressando as mais reais e fortes aspirações da alma humana, o idealismo que Raul Proença trazia na alma, isto é, «o verdadeiro idealismo», era por si designado como «aquele que mergulha as suas raízes nas mais fundas necessidades da existência, aquele que exprime a própria vontade de viver uma vida inteiramente humana» (*ibidem*), significando vivê-la de alma e corpo inteiro. Assim, a verdade, a sinceridade, «a absoluta lealdade e probabilidade de pensamento» (*ibidem*) constituíam princípios seguros e não podiam ser meras palavras na boca de pedagogos com «guarda-ventos e anteparos onde a verdade se esconde» (*ibidem*).

O desafio político-cultural que no início dos anos 20 Raul Proença e os companheiros da *Seara Nova* enfrentaram, exigiu, mais do que nunca, um espírito predominantemente interventivo para fazer frente à situação política e cultural que se vivia, quer em Portugal quer na Europa, onde também nova ordem política era ensaiada pondo em causa os mais elementares valores da pessoa humana, subvertendo os valores iluministas e humanistas. O espírito reflexivo do principal impulsionador deste projecto esteve desde a primeira hora empenhado e atento no cumprimento das mais elevadas ideias e valores da pessoa humana. A prova do que acabamos de afirmar é clara nos inúmeros textos publicados na revista que fundara com os seus companheiros Jaime Cortesão e Câmara Reis. Também a revista *Anais das Bibliotecas e Arquivos* constitui irrefragável demonstração deste seu espírito reflexivo, de filósofo e humanista, de que os seus «Intermezzos» são prova viva.

Porque é que «a literatura, a arte, a filosofia não constituem um requinte dispensável da civilização» (*ibidem*), mas necessidades insofismáveis da vida? A resposta para esta questão encontra-se no espírito *prático* de Proença, não sendo ele o que apenas vê «as determinantes inferiores dos processos sociais», mas antes o que «vê também as determinantes superiores», não crendo em «gerações espontâneas», mas sim na melhoria da sociedade e da vida humana tendo que ser sujeita a uma alteração, através de um *abalo* nas «mais íntimas fibras da consciência». É esta a sua crença, crença que advém de uma razão clara e que perante a irredutível realidade das coisas pretende encará-las, *mergulhando* no seu âmago, ou seja, mergulhando no *fundo* da vida. Por isso, o seu idealismo (ou aquele em que acredita) é aquele que está perto da vida e exprime as mais reais e fortes aspirações da alma humana. Este idealismo significa, no nosso autor, vontade, esforço, que, aplicado à situação do país, pressupunha um «esforço de redenção nacional», exigindo o que chama «uma espécie de conversão e de exaltação religiosa dos espíritos», pois o «marasmo intelectual», o «letargo colectivo», não levou nunca a qualquer «movimento redentor» (*ibidem*). Estes ideais de Proença, dentro do contexto específico da apresentação da *Seara Nova*, tinham como objectivo sobretudo a renovação da mentalidade das elites e a criação de uma opinião pública consciente que nos proporcionasse imprescindíveis contributos para o esclarecimento do pensamento do «doutrinador político», que dificilmente se pode ver dissociado do filósofo e pensador.

O seu olhar era horizontal e os horizontes ultrapassavam a «linha» visível, superando *pontos fixos*, porque o seu olhar continha uma amplidão de grandeza cuja base estava mais longe e mais profunda, nas inquietações do homem, do homem que reflecte sobre o sentido e o valor da vida, vindo no espírito a via para a sua elevação.

Homem de pensamento e homem de acção não podiam pois dissociar-se, como Raul Proença por diversas vezes afirmou. Essa dissociação não poder ser feita no seu caso, porque isso pressupunha reduzi-lo àquilo a que não se limitou a ser, ou seja, àquilo que se salienta na maior parte das referências que lhe são feitas na bibliografia existente, como o homem que pôs em marcha o *Guia de Portugal*, escrevendo sobre biblioteconomia. Não desmerecendo esta actividade, boa parte das interpretações acerca da *Seara Nova* esquecem o papel decisivo que aí desempenhou.

A «exaltação religiosa do espírito» não era para o fundador da *Seara Nova* uma utopia, mas antes a condição sem a qual o caminho da *redenção* não

se conseguiria. E é este espiritualismo do homem de pensamento e acção que o fará caminhar e lutar, acima de tudo por aquele valor máximo por si considerado: a Vida. Por esta foi o seu pensamento conduzido, ou seja, por trilhos vitalistas, sendo porventura em Portugal um dos pensadores que mais longe levou essa atitude. É verdade que o pensamento de Nietzsche não lhe foi indiferente, bem ao contrário.

Entre um maior optimismo de Nietzsche, consubstanciado numa aceitação perigosa e afirmação da vida com todos os seus riscos, inclusive a sua limitação eterna, traduzida na temática do «Eterno Retorno», Proença, bem menos optimista, não o pôde aceitar, porque, entre a «vontade de poder» e a vontade de domínio de Nietzsche, Proença fica pela vontade de poder transformador ao nível de uma ética do heroísmo. A vida não se afirma em Proença para «além do Bem e do Mal», assim como não concebe, nem apela a um *super-homem* que realiza a síntese da unidade e alcança pelo domínio de si mesmo uma espécie de ascetismo – a capacidade de um *poderio* renovador sobre os elementos vitais; o homem, em Raul Proença, é bem mais um ser terreno, com a *limitada* capacidade de luta que lhe é imposta pela ética, pela moral mas também pelo facto de se reconhecer «um ser para a morte», aproximando-se aqui também o vitalismo de Proença do pensador espanhol Miguel de Unamuno.

Em Raul Proença, a vida é e decorre da *existência real*, tal como cada um de nós a vive ou deve vivê-la, onde existem os conflitos, as angústias e a morte, pois o homem sendo razão é igualmente coração, é matéria, mas é também, e sobretudo, espírito, que faz com que o homem, a vida e as coisas se possam elevar, ou pelo menos dando a possibilidade de o fazer, papel que a filosofia como busca e caminho pode suscitar, como uma espécie de «arte» de *regeneração* espiritual, embora deva ser de facto bem mais ampla e abrangente.

Amplo e abrangente quer na acção quer na reflexão, encontramos Proença na *Seara Nova* imbuído de todos os esforços para que a situação política do país pudesse ser transformada, tendo em vista «as mais elevadas aspirações» (*ibidem*), isto é, partindo da política como meio de transformar as mentalidades para que as reformas sociais pudessem acontecer e conduzir a sociedade e os homens a erguer-se contra a estagnação, contra as doutrinas que considerava «anti-humanas» (que seriam nesta época todas as formas de nacionalismos), para que pudessem surgir, escrevia: «homens de boas intenções de todas as pátrias... sobre um mundo que ainda hoje se debate em

miséria, disputas nacionalistas, o arco-de-aliança duma humanidade justa e livre, realizando na paz vitoriosa as conquistas da inteligência e da vontade desinteressada» (*ibidem*). Por isso, todo o pensamento e acção de Proença se desenvolvem por uma inclinação da política à ética, para que acima das palavras e ou das «pátrias eternas» pudesse a humanidade chegar à justiça e à liberdade. A crença e a busca de Proença numa moral que tenha como base a verdade e a liberdade que supere a hipocrisia e a repressão, vivendo uma vida de coerência dinâmica e criadora, acreditando que, mais que criatura, o homem tem que ser criador, porque capaz de progressão espiritual. Porém, não sendo fácil despertar o homem para esta visão de progresso da vida, seria necessário, segundo Proença, proceder ao trabalho de fazer acordar do «sono epícurico» pelo menos o «homem de elite», o homem de razão, de boas intenções, o homem que aja com inteligência e «vontade desinteressada», no sentido de levar por diante uma sociedade e humanidade que encontrasse o verdadeiro sentido e valor da existência.

Este foi o nobre papel que Raul Proença se propôs desde sempre, mas em particular desde a *Seara Nova* (em 1921) e até ao exílio, que decorreu da situação política criada a partir de 1926.

O intérprete do projecto seareiro, de 1921 até ao exílio parisiense (e mesmo depois), pugnou por uma ética da lealdade da consciência e, antes de deixar o país, escreve ainda vários panfletos clandestinos contra a «ditadura militar», afirmando no primeiro desses panfletos⁴ que «preferia ser cidadão da monarquia de antes de 5 de Outubro a sê-lo desta república de fachada, desta monarquia que não tem o espírito e a coragem de se confessar monárquica, que só se diz republicana por imbecilidade ou por cobardia» (*ibidem*). A citação que acabamos de fazer constitui, quanto a nós, não só uma das provas da lealdade da sua consciência, numa fase conturbada da vida do país e da sua própria vida (que enfrentou e não temeu), como também revela que a questão política poderia ser secundária (apesar do seu profundo

⁴ O primeiro panfleto intitula-se «A ditadura militar: história e análise de um crime», Novembro 1926, 78 pp.; o segundo, escrito contra o regime saído do 28 de Maio tem como título «Ainda a ditadura militar: demonstração científica da nocividade das ditaduras militares e algumas amabilidades sobresselentes [*sic*]», surgindo como data de publicação Janeiro de 1927, com um total de 47 pp. Neste segundo escrito, em que se insurge severamente e de forma satírica contra os membros do poder, que designa como «quadrilha» (p. 23), Raul Proença coloca na capa do escrito uma epígrafe de Antero de Quental onde se lê: «Se esta espada que empunho é coruscante, é porque ela é a espada da verdade.». Destes dois panfletos, compostos e impressos por Miguel da Cruz, «nobre e inteligente trabalhador», a quem Proença agradece e aceita a solidariedade, possuímos exemplares da única edição.

republicanismo), se em causa fossem colocados os valores que considerava fundamentais, quer dos homens (neste caso os políticos) quer do regime. Embora conjuntural, esta afirmação (como tantas outras também conjunturais) revela o pensador, para quem ou a ética estava presente na política ou então esta nada servia. Ética e política tinham no nosso autor que ser conciliáveis e esta foi talvez a sua utopia, ou decerto o seu sonho. Contudo, se se entender como utopia esta conciliação, ela não deixa de ser uma utopia realizável, na medida em que é pensável e admissível, pois que para este pensador a ética é realizável também pela política, a que subjaz a ideia de justiça, de liberdade e de bem. Assim, a sua concepção ética situa-se acima de tudo no plano do dever ser, pois numa sociedade justa e livre se os fins são importantes, os meios devem ser ainda mais tidos em consideração. Numa tal concepção do ser humano e da sociedade, a ética não se pode basear no útil nem numa concepção dos indivíduos ao serviço do Estado, mas antes no Estado e nos governantes ao serviço do homem e da sociedade.

O *pragmatismo ético*, a que Proença chama uma espécie de *travesti* da ética, no sentido em que fica muito aquém do desejável e onde o designado *realismo ético*, de que Maquiavel terá sido o precursor, não era compatível com um pensador ético como Proença para quem o Bem, a Justiça e a Liberdade eram exigências da consciência moral com origem na natureza racional do homem, ou seja, o homem como estruturalmente moral, cabendo-lhe também a tarefa de uma progressiva *moralização de códigos sociais* numa perspectiva de melhoria, quer de si próprio quer da sociedade e do progresso histórico, pelo que a capacidade crítica e o impulso do progresso são condições imprescindíveis porque impostas pelo primado do espírito. Bem longe do «realismo» de Maquiavel e com ele em manifesta discordância, o poder e os governantes tinham que ser os primeiros a dar o exemplo de uma acção política onde os valores éticos tivessem primazia. A acção sem escrúpulos morais que, segundo as circunstâncias, o poder (neste caso o do príncipe) e os governantes manipulam, colocando ao seu serviço todos os outros poderes, manipulando também hábil e astutamente os governados, era um «realismo» que para Proença só poderia ser mesmo considerado «maquiavélico» no sentido mais corrente do termo. O fundador da moderna ciência política, cuja obra de reflexão política mais conhecida foi *O Príncipe* (1513), ao expor as suas doutrinas a partir da observação histórico-empírica dos acontecimentos políticos, e interpretando-os a partir da sua aplicação prática, estando ausente qualquer intenção de uma teoria de estado ético-ideal, só poderia causar no «idealismo realista» de Proença uma inteira

repugnância. Proença não teve certamente a intenção de formular uma teoria do estado, esboçando no entanto o que se poderia designar como uma teoria da democracia e do socialismo.

Pelo racionalismo apaixonado e voluntarista do nosso autor, tendo a ética como ponto de partida e também de chegada, perpassava um ideário de grandeza quase sobre-humana, realizável é verdade, mas que constantemente se busca: a Liberdade, a Justiça e o Bem. Por isso, a sua concepção da vida era a de uma obra de permanente criação em que, tal como o artista que cria a sua obra de arte, também a obra de arte da vida deverá ser criada de acordo com a força espiritual, a beleza e a generosidade, dando sentido e valor à existência para a qual também a obra de arte, no sentido da estética, pode contribuir. Aliás, à semelhança do artista que cria para que a vida (a sua e a dos outros) tenha mais beleza, também ao *homem de elite* cabia, segundo o nosso autor, a tarefa de «trabalhar» para fazer felizes os homens e para a «satisfação integral da sua consciência»,⁵ desprezando a glória e vendo «na política a mais nobre e a mais bela das ocupações do homem» (*ibidem*).

Embora heterogéneo e com alguma ambiguidade, os homens da *Seara Nova* tinham em comum a consciência de que para esta tarefa não havia homens preparados, pelo que, pensavam, ser necessário formar a tal nova elite assim como uma opinião pública suprapartidária e esclarecida para entender a política «como nobre tarefa», no sentido de dar um novo e salutar rumo aos vários sectores da vida do país. Acreditavam assim que um verdadeiro movimento de salvação seria possível se a mentalidade da elite portuguesa fosse renovada, o que desde bem cedo Proença defendera.

A ambiciosa tarefa do grupo da *Seara Nova* fora bem clara, como o provam as páginas da revista, onde nos primeiros números é a pena de Proença que mais nos esclarece, quer das estratégias quer, sobretudo, das posições éticas, que, como já referimos, constitui o nó górdio do seu pensamento, embora de forma menos explícita o possa ter sido também dos seus companheiros de jornada.

A elite que Proença pretendia formar tinha assim como ponto de partida uma atitude profundamente idealista e espiritualista, em oposição ao «realismo estreito e materialista» que o nosso autor entendia dominar então em Portugal. Mas essa elite, que não existia ainda, porque adormecida, iria acordar, segundo Proença. Em nome da verdade, da lealdade e probidade

⁵ «A Filosofia de Epicuro e a concepção heróica da vida», in *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, Out./Dez. 1920.

do pensamento, e buscando pela razão, Liberdade, Justiça e pelo Bem, o «verdadeiro homem de elite» teria como prioridade a «terapia do espírito» que Proença entendia ser condição *sine qua non* para que, quer a mentalidade dos dirigentes quer a dos dirigidos tivessem efectivos e reais resultados, não praticando os erros e omissões dos políticos da falsa elite política vigente, onde a falta de ideal, espírito democrático e visão total das realidades impedia qualquer acção positiva e responsável.⁶

Mas, como poderia a *Seara Nova* como elite transformar a sociedade, se afinal não pretendiam governar o País, ocupando cargos governamentais? Jaime Cortesão, a propósito da política interna e apontando «soluções políticas» escrevia que «há uma vasta política fora da *política* e também se governa fora do *governo*».⁷ Efectivamente, estes eram os pressupostos destes intelectuais da *Seara Nova*, e que, em certa medida, contribuíram para uma profunda agitação e discussão de ideias que muito enriqueceram a vida cultural e política do País, pelo menos até 1926.

Projecto, processo e acção existiram, só que, quer a estrutura quer a conjuntura da situação do *país real* não permitiram a concretização de ideais tão elevados como os que eram propostos por este grupo de homens de pensamento e acção que muito enriqueceu a história do pensamento e da cultura portuguesa aos mais diversos níveis.

Durante pelo menos cinco anos (1921-1926), a *Seara Nova* teve, acima de tudo, e entre outros méritos, o de ser a consciência crítica do País, sendo Proença o homem que a esse nível mais se evidenciou, assumindo o papel de um *aristocrata da moralidade* com genial capacidade de enfrentar os problemas práticos e teóricos consequentes da ausência de princípios e vazio moral que considerava que Portugal nesta fase vivia, culminando com o 28 de Maio de 1926. É na sequência deste acontecimento que, em Agosto do mesmo ano, a revista *Seara Nova* suspende a sua publicação, tendo como causa a censura à imprensa, o que levou à dispersão e exílio da maioria desta elite que acreditava estar na ética a base da política e foi sempre simultaneamente núcleo de toda a reflexão filosófica de Raul Proença.

⁶ Cf. «Os últimos acontecimentos», in *Seara Nova*, n.º 2, 5-11-1921.

⁷ In *Seara Nova*, n.º 5, 24-12-1921.